



## O DEUS DOS POBRES!

(The God of the poor people!)

**Emerson Sbardelotti Tavares\***

Mestrando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

### RESUMO

O Deus do Israel bíblico e de Jesus de Nazaré é o Deus dos Pobres, não é o deus do poder dominante! Há quatro perspectivas para responder a questão: a da interpretação a partir da Bíblia, a partir da teologia, a partir da pastoral e a partir da literatura. O objetivo é buscar os fundamentos da fé e mostrar racionalmente possíveis argumentos que dão sentido à crença no Deus libertador dos pobres. Não é possível conhecer a Deus negligenciando a dor alheia. Portanto, para se chegar a Deus é de suma importância ir ao encontro dos expurgados do sistema; essa é a condição de possibilidade para conhecer Deus. Onde está o pobre também está Deus.

**Palavras-chave:** Deus; Pobres; Perspectivas.

### ABSTRACT

The God of Biblical Israel and of Jesus of Nazareth is the God of the poor, is not the god of the dominant power. There are four perspectives to answer the question: the interpretation from the Bible, from the theology, from the ministry and from the literature. The goal is to get the foundations of faith and show rationally possible arguments that give meaning to the belief in the liberating God of the poor. You cannot know God neglecting the pain of others. Therefore, to arrive at God is paramount to meet the purged the system; this is the condition of possibility to meet God. Where is the poor is also God.

**Keywords:** God; Poors; Perspectives.



## INTRODUÇÃO

Em nossa realidade atual, muitas são as vezes que os meios de comunicação social, as pessoas, em seus momentos de lazer, debatem sobre as imagens de Deus e as possíveis manipulações ideológicas que podem advir dessas concepções teológicas. Para exemplificar, será citado, como imagens de Deus, exemplos do censo comum religioso: o Deus castigador, o Deus guerreiro impiedoso com os inimigos, o Deus rei em seu trono, o Deus juiz, o Deus da bênção, o Deus da prosperidade, etc.

O Deus do Israel bíblico e de Jesus de Nazaré é o Deus dos Pobres, não é o deus do poder dominante!

Porém, há muitas pessoas que acreditam que essa afirmação, ‘Deus dos Pobres’, seja uma manipulação do Deus verdadeiro.

Tal provocação colocada num cenário de Igreja onde ainda há um forte apelo carismático e descompromissado com as causas sociais irá aquecer o debate naquelas pessoas que foram educadas na fé germinada das comunidades eclesiais de base, numa eclesiologia que ainda hoje professa a evangélica e radical opção preferencial pelos pobres, que veem no papa Francisco, um projeto de Igreja onde sobressaia mais o carisma do que o poder, a misericórdia do que a condenação, o diálogo do que a intolerância.

Há quatro perspectivas para responder a questão: a da interpretação a partir da Bíblia, a partir da teologia, a partir da pastoral e a partir da literatura.

O objetivo é buscar os fundamentos da fé e mostrar racionalmente possíveis argumentos que dão sentido à crença no Deus libertador dos Pobres.



## 1. A PERSPECTIVA A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Ao falarmos de Deus numa perspectiva a partir da interpretação da Bíblia, se faz necessário adentrarmos no documento “A Interpretação da Bíblia na Igreja”<sup>1</sup>, em que é explanado de forma densa e sintética o que pensa a Igreja Católica Apostólica Romana sobre os limites e as qualidades dos métodos exegéticos e interpretativos.

O documento nos mostra os pontos negativos e positivos dos principais métodos e abordagens a partir dos quais podemos interpretar o texto bíblico e então falarmos sobre Deus. E afirma que nenhum método científico para o estudo da Bíblia está a altura de corresponder à riqueza total dos textos bíblicos.

Para Mesters<sup>2</sup>, o instrumento mais importante da interpretação não é o microscópio com que se olha, mas são os olhos que olham pelo microscópio. Os olhos, porém, não se fabricam nem recebem diplomas. São dons que se recebem do Autor da vida e que nascem da convivência com os outros.

O Deus verdadeiro não fica do lado do poder, e não fica ligado a um lugar, não está preso ao círculo cúlrico do templo de Jerusalém, rejeitando toda a exclusão e opressão, oferecendo uma aliança, pedindo uma sociedade igualitária.

O Deus verdadeiro da experiência judaico-cristã é realmente o Deus dos pobres, pois a fé nesse Deus nasce e cresce no contexto em que uma insurreição camponesa, feita por pobres, se rebela contra os reis da Palestina.

Pixley<sup>3</sup> sobre isso afirma:

O povo era a massa camponesa que compunha a grande maioria da população. Vivia em pequenas aldeias, representadas no diagrama com os círculos na base. As aldeias eram as unidades produtivas da sociedade. Cada aldeia era mais ou menos autônoma, produzindo o que era necessário para satisfazer suas próprias necessidades. Tinha pouco relacionamento com as outras aldeias. Cada uma



cultivava seus cereais básicos e criava os animais para o leite e a lã. As aldeias que formavam a base da sociedade podiam perfeitamente subsistir sem o rei e seus aparelhos de Estado. A insurreição camponesa que se postula como a base da unidade tribal teria sido a reação contra a dominação dos reis em nome de uma sociedade camponesa igualitária. As condições que provocaram a rebelião em diferentes partes do território da Palestina foram os conflitos perpétuos. Os reis não podiam garantir a segurança das aldeias. A possibilidade de rebeliões existia pelo fato de haver zonas despovoadas nas montanhas da Palestina.

A abordagem sociológica da interpretação bíblica ajuda a confirmar isso.

A libertação é uma segunda abordagem que aparece na interpretação da Bíblia, pois Deus está sempre presente na história do seu povo para salvá-lo. Ele é o Deus dos pobres que não tolera a opressão, que não tolera a injustiça.

Deus é revelado para um grupo social específico: os pobres.

Certamente a pobreza é um dos temas mais sugestivos e complexos da Bíblia, por causa da profunda incidência no empenho ético do povo no Primeiro Testamento e das comunidades no Segundo Testamento.

Na Bíblia, a pobreza é um fenômeno social<sup>4</sup>!

Na tradição profética e na legislação social da Torá, encontram-se frequentes críticas à propriedade dos bens econômicos, porque esse direito é considerado fundamentalmente subordinado à obrigação de defender os socialmente fracos. [...] pistas de reflexão: a) a pobreza-escândalo, enquanto sua existência de fato é expressão de infidelidade a Deus e de ruptura dos vínculos de fraternidade estabelecidos na aliança; b) a pobreza-castigo divino, como lado escuro da riqueza-prêmio, dentro da concepção materialista da recompensa ao justo nesta vida terrena; c) nos ambientes sapienciais se pensa em *estado-de-vida-intermédio* entre a miséria e o excessivo bem-estar, já que ambas as situações são igualmente perigosas para viver virtuosamente. Em realidade, não se trata de consideração sociológica da pobreza, mas antes de interpretação religiosa, pois em Israel o social, o político e o religioso formam trama comum e única. O registro da compreensão e a chave da solução da pobreza é, portanto, profundamente religioso, apesar de ser na época do judaísmo (desde o desterro até os tempos de Jesus) que se articula a passagem da pobreza-escândalo à bem-aventurança da pobreza. [...] O pobre é sobretudo o sem-posses e oprimido, já que suporta a riqueza e até o luxo de outros grupos sociais; é aquele que vê sua estima consideravelmente diminuída (é o humilhado). O correlato do pobre é sempre o rico, o poderoso, que aparece como responsável da situação-injustiça em que se encontra o necessitado.



A estrutura social do Israel antigo era a de uma sociedade teocrática e que tinha seu foco em Jerusalém, a Terra Santa, onde estava o templo e dependente economicamente de uma agricultura primitiva; porém, com poucos períodos de liberdade política: foi escravizado pelo Egito, pela Babilônia, pela Pérsia, pela Grécia e por Roma e só voltou a ser um Estado independente em 1948.

O Documento de Puebla<sup>5</sup> esclarece:

Para o cristão, o termo “pobreza” não é somente expressão de privação e marginalização de que nos precisemos libertar. Designa também um modelo de vida que já despontava no Antigo Testamento no tipo dos “pobres de Javé” e é vivido e proclamado por Jesus como bem-aventurança. São Paulo resumiu este ensinamento dizendo que a atitude do cristão deve ser de usar os bens deste mundo (cujas estruturas são transitórias) sem absolutizá-los, pois são apenas meios para se chegar ao Reino. Este modelo de vida pobre é exigido pelo Evangelho de todos os que creem em Cristo e, por isso, podemos chamá-lo “pobreza evangélica”. [...] No mundo de hoje, esta pobreza é um desafio ao materialismo e abre as portas a soluções alternativas da sociedade de consumo.

Para entender e compreender a mensagem de Jesus de Nazaré basta apenas colocá-la no contexto em que viviam os pobres de sua época. Quem são esses pobres? São os economicamente fracos e sem posses de bens materiais. São os diaristas, aqueles trabalhadores não qualificados, bem numerosos e que as condições de vida eram na Palestina mais precárias do que as dos escravos. São os pecadores, o conceito aqui deve ser entendido enquanto categoria social mais do que categoria ético-religiosa. São considerados pecadores todos aqueles que trabalhavam com transportes de mercadorias, lojistas, pastores, publicanos, ladrões e prostitutas. São os ignorantes, pois estes, devido a sua falta de cultura, não observavam as complicadas e numerosas leis judaicas. Por fim, acrescenta-se a essa lista os simples (*nepioi*), os pequenos (*mikroi*), os últimos (*eschatoi*), os pequeninos (*elachystoi*), as mulheres e os estrangeiros.

Jesus de Nazaré via e sabia de todos esses seres humanos, irmãs e irmãos seus e entendia que eles consideravam a condição em que viviam como algo fatal. E essa condição estava ligada diretamente e predisposta às enfermidades físicas e psíquicas, por causa da frustração, por



causa da ansiedade e principalmente por causa do complexo de culpa em que estavam obrigados a viver. É compreensível a expectativa e o entusiasmo com que aguardavam a chegada do Messias. Ele os tiraria daquela situação.

Gutiérrez<sup>6</sup> acerca da conferência de Medellín em relação ao desafio da pobreza diz que Medellín considera a situação de pobreza como o maior desafio ao qual deve fazer frente o anúncio do Evangelho neste Continente, proclamando um Reino de amor e paz incompatível com a “violência institucionalizada” em que vivem os pobres da América Latina e do Caribe. Não sendo possível ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina e no Caribe.

A pobreza material, como carência dos bens deste mundo, longe de qualquer idealização é considerada como um mal em si. A pobreza espiritual significa em primeiro lugar uma atitude de infância espiritual, de disponibilidade à vontade de Deus; uma consequência dela será o desprendimento interior diante dos bens temporais. Esse modo de ver leva necessariamente a perguntar-nos por que motivo deve-se assumir um gênero de vida pobre. Medellín responde dizendo que a pobreza enquanto compromisso voluntário dos cristãos deve expressar simultaneamente a solidariedade para com os pobres e a rejeição da pobreza material como algo não desejado por Deus. O fundamento cristológico desse enfoque é ressaltado explicitamente. Partindo dessas definições, o testemunho de uma Igreja pobre é considerado como uma denúncia da pobreza e de suas causas, e também como um compromisso de percorrer, como se diz no concílio, “o caminho da pobreza”. Dessa maneira a Igreja estará em condições de pregar e viver “a pobreza espiritual atitude de infância espiritual e abertura ao Senhor”. Infância espiritual significa o reconhecimento de Deus como amor, é o que o Pai quer dizer, e, como consequência, reconhecer também que os demais sejam irmãs ou irmãos. Estamos, pois, no núcleo da mensagem evangélica. Os pobres são os ‘insignificantes’, todos aqueles que por razões econômicas, raciais, culturais ou por serem mulheres têm pouco ou nenhum peso na sociedade e veem seus direitos violados e sua realização humana impedida. A condição dos pobres constitui por isso uma autêntica interpelação à missão da Igreja. Essa deve acolher o chamado a redefinir sua tarefa diante da magnitude de uma situação contrária à vontade de Deus. Isso foi o que João XXIII propôs ao concílio ao sugerir o tema “a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres”.

O papa Francisco<sup>7</sup> desejoso de uma Igreja pobre para os pobres nos apresenta a preocupação pelo desenvolvimento integral aos mais abandonados da sociedade.



Cada cristão e cada comunidade são chamados a serem instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade [...]. A Igreja reconheceu que a exigência de ouvir esse clamor deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, pelo que não se trata de uma missão reservada apenas a alguns [...]. Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia” a eles. Essa preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus. Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma *opção pelos pobres*, entendida como uma “forma especial de prioridade na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a tradição da Igreja”. [...] Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles.

## 2. A PERSPECTIVA A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA

Falar de Deus a partir da teologia, ao contrário do que parece, não é uma tarefa nada fácil. Para C. Boff<sup>8</sup>, discursar a respeito de Deus para a teologia é primeiramente uma postura de fé, ela tem a primazia. Deus não é um mero objeto produzido pela especulação da razão (crítica feita por Immanuel Kant), mas é o absoluto que pode ser parcialmente alcançado, mas nunca suficientemente conhecido, pois o Autor da Vida abarca a criatura e não o contrário.

Toda questão sobre Deus é inevitavelmente datada e situada<sup>9</sup>.

Datada, porque nunca é atemporal, mesmo quando pretenda ser a mais universal e a mais objetiva. Ela traz sempre as marcas de sua época, marcas suficientemente diferenciadas para que se possa falar, a cada vez, de questões novas – em todo caso, de questões renovadas – mesmo quando a questão continua sendo idêntica quanto ao seu “objeto”. De uma época para outra, a formulação muda. Nós não enxergamos a questão da mesma maneira que nossos predecessores. Não importa qual seja a questão e quando tenha sido levantada. Situada, pois toda questão sobre Deus se dá no sentido de que não é jamais isolada, desligada de um espaço cultural. A cada vez formulada por homens de uma cultura determinada, ela é carregada da maneira como uma geração entende o homem e o universo e define seus valores. A questão de Deus não seria entendida se não fosse situada, apesar de sua especificidade, nas suas relações com as outras questões do homem que constituem seus pontos de ligação. Ora, os sistemas de referência mudam. Não importa qual questão seja e onde tenha sido levantada. Portanto, questão datada e situada, porque, a exemplo do



homem que a colocou – ser histórico, isto é, ele também datado e situado – ela se inscreve num tempo e num espaço socioculturais com os quais é solidária e sobre o pano de fundo em que deve ser referenciada e entendida.

Em um dos intervalos das palestras no Congresso Continental de Teologia, realizado na Unisinos, em São Leopoldo/RS, de 07 a 11 de outubro de 2012, conversando com o saudoso professor João Batista Libanio, ele dizia que pureza total de um discurso sobre Deus é impossível enquanto estivermos na história. Certa dose de ideologia penetra tudo, prolifera e contamina. A defesa que nós temos é a consciência crítica que procura diminuir os aspectos ideológicos. Daí a necessidade do diálogo entre os diferentes discursos. Para uma resposta concreta, teria que ver sobre que ponto de Deus (revelação, encarnação, salvação) se discute para perceber aí o jogo ideológico possível.

Queiruga<sup>10</sup> afirma que é de suma importância destruir todos os nossos ídolos, a fim de que, aceitando os novos dados, deixem espaço para o Deus sempre maior. Não se pode cair na ideologia de preservar uma imagem de Deus apenas para servir de bengala às convicções pessoais mais convenientes. Resistir sistematicamente a toda crítica pode parecer zelo pela glória de Deus, porém, geralmente, indica o narcisismo de quem não quer renunciar às próprias concepções e a insegurança de quem não se atreve a abrir-se ao processo inacabável de deixar Deus ser Deus, expondo-se ao rompimento de suas imagens, uma após a outra. Ele afirma ainda que só a partir do momento em que reconhecemos Deus como Pai é que derrubaremos as falsas imagens de Deus, pois todos se verão como filhos muito amados e participantes desse amor.

Manzatto<sup>11</sup> relembra que Deus está conosco! Eis a afirmação fundamental de nossa fé cristã. Para nós, não há mais distância entre o sagrado e o profano ou entre Deus e a história humana. Deus vem a nós em Jesus. A encarnação do Filho de Deus nos liga definitivamente a ele; sua humanização nos introduz num dinamismo de divinização e, então, a história está grávida do Verbo de Deus. O povo santo de Deus é composto de pobres. A partir deles Deus se manifesta.

Partir do povo porque, primeiramente, queremos fazer teologia que tenha um pé bem fincado no chão da vida e da história: que venha do povo e volte para o povo, passando naturalmente





pela fonte viva da Palavra de Deus. Partir do povo também por razões teológicas. É o próprio Deus que chama e faz o povo ser povo, com memória, vida e sonho comuns. O povo é sujeito da revelação de Deus, o parceiro de seu amor. É por meio dele e com ele que Deus fala e age. Nesse sentido, o povo é uma porta de entrada para a teologia.

Na teologia da libertação, o conhecimento de Deus, segue seu método peculiar adaptado à realidade dos pobres. Ela interpreta o concreto da história e, acima de tudo, o sofrimento do pobre. Não é possível conhecer a Deus negligenciando a dor alheia. Portanto, para se chegar a Deus é de suma importância ir ao encontro dos expurgados do sistema; essa é a condição de possibilidade para conhecer Deus. Onde está o pobre também está Deus, como nos diz Sobrino<sup>12</sup>:

Diante da imensidade do problema, a resposta só pode ser modesta, obviamente, mas tentemos oferecer um princípio de resposta. Essa consiste em pôr a salvação em relação com os pobres; ver nestes um lugar e um potencial de salvação. E embora soe desafiadora, também é modesta a formulação *extra pauperes nulla salus*. Não dizemos, estritamente falando, que com eles já há, automaticamente, salvação, mas que sem eles não há salvação – embora pressuponhamos, sim, que nos pobres sempre haja “algo” de salvação. E o que pretendemos, em última análise, é, apesar de tudo, oferecer esperança. Do mundo dos pobres e das vítimas pode vir cura para uma civilização gravemente enferma.

A teologia da libertação não para no pobre, porque sua reflexão parte de uma vivência sadia da história humana, que aponta para algo que transcende essa mesma história; logo, a salvação do ser humano é integral. O pobre não pode permanecer em seu estado, ele é levado a, já neste mundo, sentir-se humanizado. Tal via seria o ponto de partida para diminuir o grau ideológico para o conhecimento de Deus.

Um discurso puro sobre Deus é impossível.

Ao longo da história muitos intelectuais tentaram; e, por mais sinceros que fossem, vez ou outra, a compreensão se mostrou débil, se mostrou incapaz de explicar os desígnios de Deus. Nunca haverá, portanto, um discurso totalmente puro a respeito desse grande mistério.



## 3. A PERSPECTIVA A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO PASTORAL

Nas palavras de Libanio<sup>13</sup>, pastoral é um agir da Igreja no mundo!

A experiência do pastoreio pertencia à vida de todo habitante do mundo bíblico. Não é de se estranhar que os profetas, os líderes religiosos se inspirassem na Palavra de Deus para tecerem toda uma alegoria teológica. O pastor é o guardião da justiça. O verdadeiro pastor não é o chefe das tribos nem o rei. Mas o Senhor. E na medida que alguém participa desse cuidado e solicitude do Senhor pelo povo, pode também receber o título de pastor.

O pastor é autoridade e solicitude, poder e carinho, vigor e ternura. Deus é soberano, mas ao mesmo tempo o Pai terno. Este Pai confia ao Filho a função de pastor. E Ele afirma: *“Eu sou o bom pastor!”*.

Não há possibilidade de falar de Deus hoje em dia sem se deixar tocar por Deus e a partir desse toque agir pastoralmente em nossos grupos, comunidades, paróquias e dioceses. A partir do hálito de vida soprado em nossas narinas por Ele, nossa sensibilidade se recusa a ver a condição humana fora da relação com o cosmo: com toda a criação, com todos os seres vivos. É fazer valer o pedido do Salmo 27,4: *“Uma coisa peço a Iahweh, a coisa que procuro: é habitar na casa de Iahweh todos os dias de minha vida gozar a doçura de Iahweh e meditar no seu templo”*<sup>14</sup>.

L. Boff<sup>15</sup>, afirma que:

Nós brasileiros, mais do que um povo religioso, somos um povo místico. Nós não acreditamos em Deus, isso é coisa dos europeus, nós sentimos Deus. Sentimos Deus na pele, no corpo, e por isso toda hora falamos: vá com Deus... fique com Deus... Deus está dentro do nosso cotidiano na vida. Não dá para entender o mundo sem colocar Deus dentro. Jesus Cristo apresenta Deus como *Abbá*, um pai que tem as características de mãe. Como uma galinha que cuida dos pintinhos, como o pai do filho pródigo que acolhe o filho: olha na esquina, ele está chegando, corre ao encontro cheio de misericórdia, isto é, cheio de entranhas, coisas que as mulheres têm. É um Deus-ternura, mais mãe do que pai, ou então um pai-maternal e uma mãe-



paternal... Encontrar Deus não só nas Escrituras Sagradas, nos textos da Tradição, na hóstia consagrada, no cálix bento, mas encontrar Deus na natureza, na pedra, no sol, encontrar Deus nos pobres, de tal forma que, abraçando o mundo, está se abraçando Deus.

Falar de Deus hoje deve ser o ponto de partida na realidade em que estamos plantados, na realidade em que somos adubados, na realidade em que brotam os frutos da nova estação, na realidade em que devemos ser podados e cortados para que uma nova vida germine. Essa realidade compreende um mundo em que a economia é globalizada e excludente, a técnica é acelerada, a comunicação é sem fronteiras e há um rápido crescimento do pluralismo religioso.

E podemos dizer que o tempo ainda não é o de negar a razão, mas não podemos viver a ditadura da razão. A dor do mundo está aí na nossa frente. Os valores não são animados e empurrados somente pela ética, mas sim pelo coração, pelo sentimento, que está diretamente enraizado na concepção que temos de Deus. O mundo é partilhado vergonhosamente pelo G-8 e cortejado pelo G-20, e quem deveria tratar dos assuntos referentes à humanidade e à vida do planeta seria a ONU, mas isso, infelizmente, é um sonho que tão cedo não veremos realizado; precisamos, todavia, estar atentos como as virgens prudentes do Evangelho. E jamais deixar cair a profecia.

Falar de Deus hoje é não esquecer as nossas matrizes culturais: indígena, europeia e africana. Elas nos lembram todos os dias que somos o povo mais propenso ao diálogo e ao encontro, pois estamos juntos e misturados na dinâmica da vida. Somos como o trabalho das mulheres na produção da panela de barro em Goiabeiras, Vitória/ES; que tiram do barro, do mangue e das árvores do mangue o necessário para moldarem o símbolo que ilustra tão bem a cultura capixaba e que embeleza a culinária desse mesmo povo; é um trabalho honroso e divinal, que mantém viva a memória daquelas outras tantas panelas que iniciaram a tradição das panelas de barro conhecidas mundialmente. E elas são descendentes de indígenas, europeus e africanos; por isso, a moqueca capixaba é a melhor moqueca do mundo e o sexto melhor prato para ser apreciado, segundo a OMS, pois não engorda e é leve. Na raiz de tudo isso está a



disponibilidade, o empenho e a garra de gerações inteiras de mulheres, que assim como Sefra e Fua, ajudam a dar à luz o sonho da posteridade; ao perpetuarem esse sonho e ao fazerem feliz todo um povo, aproximam-se muito de Deus e veem a Deus mais do que o faz a maioria de nós.

Falar de Deus hoje é percorrer todo o projeto de salvação, cuja prática e pedagogia libertadora está implícita e explícita no Primeiro e no Segundo Testamento, no Concílio Ecumênico Vaticano II, nas conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, operando em nós uma transformação, impulsionando-nos para a prática pastoral: para que todos tenham vida e a tenham em abundância. Que rezem, que orem o Pai Nosso, mas reivindiquem a justiça e a solidariedade do Reino, o Pão Nosso.

### 3.1. QUEM, AFINAL, É DEUS?

Ele sempre irá responder: “*Eu sou aquele que é!*” (Ex 3,14).

Ele é realidade transcendente. Sendo transcendente, nunca saberemos de fato o que ou quem é Deus, só sabemos daquilo que não é, pois a nossa ideia de Deus sempre é limitada; Ele está além de tudo o que possamos sonhar ou pensar ser. Mas que possuímos é o de que, da mesma forma que Jesus, nós também, possamos crescer em graça e sabedoria, por uma intimidade profunda com Ele, com base na qual a nossa existência será inspirada, e poderemos, portanto, chama-lo de *Abbá*.

Na América Latina e Caribe, diferentemente do que ocorre na Europa, Deus é aquele que escolhe os pobres (não são os pobres que escolhem a Deus), pois aqui, neste continente, a pobreza é institucionalizada. Somos um continente de *hapirus* (os mais pobres – pessoas desalojadas, sem terra, excluídas nas cidades e nos campos), onde desde cedo, por causa do batismo, alimentamos a vontade de construir uma sociedade distinta, sem exploradores e explorados; uma terra sem males.



O Deus que foi passado para a geração que nasceu no Brasil nos anos 1970 e era jovem nos anos 1980 foi o Deus da teologia da libertação: divinamente humano, humanamente divino; próximo de seu povo, em suas lutas, em seus sorrisos, em seus martírios. Um Deus que entrava nas casas através da Bíblia traduzida para o português e nas mãos do povo. Herança da *Dei Verbum*. E lá ia o povo se reunir debaixo de uma árvore, para se encontrar, sorrir e celebrar a vida, de um jeito simples, despojado, de analfabetos a homens novos, de analfabetas a mulheres novas. Eram as comunidades eclesiais de base se espalhando por todo o Brasil, sofrendo na pele perseguições, a exemplo das primeiras comunidades, por causa do Reino, sendo a voz profética num tempo em que o milagre era economicamente favorável às elites nacionais, fazendo com que os ricos se tornassem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

O Documento de Puebla<sup>16</sup> não nos deixa esquecer:

A denúncia profética da Igreja e seus compromissos concretos com o pobre causaram-lhe, em não poucos casos, perseguições e vexames de vários tipos: os próprios pobres têm sido as primeiras vítimas de tais vexames [...]. Na Igreja da América Latina, nem todos nós temos comprometido bastante com os pobres; nem sempre nos preocupamos com eles nem somos com eles solidários. O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres [...]. É de suma importância que este serviço do irmão siga a linha que o Concílio Vaticano II nos traça: “Cumprir, antes de mais nada, as exigências da justiça para não ficar dando como ajuda de caridade aquilo que já se deve em razão da justiça; suprimir as causas e não só os efeitos dos males e organizar auxílios de forma tal que os que os recebem se libertem progressivamente da dependência externa e se bastem a si mesmos” (AA 8).

Foi um período profético. Deus caminhava junto. Ele via a miséria do povo, ouvia seu grito por causa dos seus opressores e descia a fim de libertar. Cuidava das feridas e soprava, beijava e abraçava, e os agentes de pastoral iam em frente, havia um ardor missionário contagiante, pois acreditar em Deus sempre foi uma opção de vida. O convite para participar da messe era feito, muitas vezes, com o testemunho daqueles que tombaram e daqueles que insistiam em continuar, mas aceitar ou não sempre foi uma escolha pessoal. Antes do Concílio



Ecumênico Vaticano II se tinha uma atitude de fé que levava a acreditar em Deus envolvendo razão e levando o ser humano a aprender uma doutrina; essa, por sua vez, conduzia a um saber sobre Deus e nada mais. Com o Concílio Vaticano II, Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, a atitude leva a comprometer-se com Deus, envolvendo todo o ser; esse desenvolve uma prática de vida que o conduz à conversão, à mudança de dentro para fora.

Em relação à ação pastoral, Vigil<sup>17</sup> diz:

Para o Jesus histórico o Deus do Reino é o centro, e não há nenhuma outra mediação para ele senão a promoção de seu próprio Reinado. A missão de Jesus não é outra senão o anúncio e a promoção desse Reino [...]. Na linguagem do Evangelho de Jesus, Deus é sempre o Deus do Reino, e o Reino é sempre o Reino de Deus, de forma que o teocentrismo e reinocentrismo se implicam mutuamente [...]. Esse foi o tema de sua pregação, sua obsessão, seu sonho, a paixão que o movia, a causa pela qual viveu e lutou, aquilo que em sua vida teve valor absoluto para ele. A figura de Jesus não foi a do fundador de uma religião ou de uma Igreja, e sim a de um profeta apaixonado pelo Reino de Deus, causa última que o fez viver e morrer.

A ação de Deus se dá através de nossa ação. E pode se perguntar: “Deus faz milagre na História?” Faz! Mas jamais fora das coordenadas da história!<sup>18</sup>

### 3.2. UM DEUS PARA HOJE

Qual é a imagem de Deus que nós temos?

Qual é o conceito que temos de pastoral?

Perguntas importantes para a nossa caminhada enquanto seres humanos, para este artigo, para a nossa vida em grupo, em comunidade, em sociedade.

A imagem de Deus no Primeiro e no Segundo Testamento que se propõe e que se aproxima mais de uma pastoral comprometida com o Reino é esta: 1) No Primeiro Testamento, o grande perigo para Israel era contaminar o Senhor com os cultos da fecundidade. A paternidade divina percebe-se fundamentada na saída do Egito. Como foi dito antes: Deus



escolhe os *hapirus*. Os profetas usarão expressões cheias de ternura para significar essa paternidade. 2) No Segundo Testamento, teremos a experiência fundante do *Abbá* em Jesus. Essa vivência constitui a intimidade original e profunda de sua personalidade. Por causa dela Jesus cria uma reação em cadeia, contaminando todo o seu grupo de amigos, levando-os à radicalidade infantil de chamar Deus de papai, paizinho, uma experiência única. Deus é para sempre a partir de Jesus definido como paternidade revelada e entranhável, como fonte de ternura e confiança. Deus é o que alimenta o mistério em Jesus e a partir desse se abre para todas as criaturas.

Fuentes<sup>19</sup> explica que:

Etimologicamente, o termo “pastoral” deriva de pastor. No início do seu uso (finais do século XVIII e princípios do século XIX) referia-se basicamente à doutrina e prática de formar pastores (presbíteros), e ao modo de realizar o ofício da *cura animarum* (cuidado das almas) próprio do pároco. A partir daí, esse conceito foi evoluindo, ganhando grande variedade de significados, alguns reducionistas, outros ambíguos ou mesmo errôneos.

Uma nova imagem para Deus hoje, uma nova pastoral para hoje só terá sentido se, primeiro, quem busca seus significados souber o quanto significa a expressão ser humano. Os profetas do Primeiro Testamento e o próprio Jesus de Nazaré sabiam muito bem o que significava ser judeu naquele momento da história da humanidade e a missão que tinham a realizar. Sentiam muito bem a imagem de Deus que os animava. Sentiam o quanto o Deus dos pobres os animava.

Falar hoje de uma nova imagem de pastoral num mundo globalizado é mais complicado do que se imagina. Com o advento da internet, por exemplo, os diversos estratos da juventude não se colocam mais à disposição para o exercício da fé em comunidade. O sagrado está no *shopping center*, e a virtualidade é próxima do Deus espiritualizado que imaginam para si. Apesar de conhecerem e saberem o que é um pastor e seu ofício, eles residem, em sua maioria, em cidades populosas, onde dificilmente verão rebanhos e montanhas ao estilo clássico bíblico; portanto, o discurso do Bom Pastor, por exemplo, irá soar apenas como mais



uma fábula ou como um preceito moral de fim de história que os mais velhos contam ou contavam.

Mas há também aquela juventude que se sente atraída por Deus e está se colocando à disposição nas mais diversas equipes e pastorais. E, conscientes do papel que desenvolvem, vão dando um novo vigor à caminhada de suas comunidades, paróquias, dioceses, independente de serem ou não apoiados pela hierarquia, o que sempre representou um grande problema, principalmente para as Pastorais da Juventude, mas que também sempre foi encarado como desafio a ser vencido. E foram e venceram... estão vencendo. Basta reparar na quantidade de jovens que participaram do Congresso Continental de Teologia em São Leopoldo/RS em outubro de 2012, na preparação e durante a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro em julho de 2013, no último Intereclesial das CEBs em Juazeiro do Norte/CE em janeiro de 2014, do Encontro Nacional de Juventudes e Espiritualidade Libertadora em Fortaleza/CE em maio de 2014. O Espírito de Deus sopra sempre onde quer!

O papa Francisco<sup>20</sup> nos recorda que:

Quando amado, o pobre “é estimado como de alto valor”, e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isto tornará possível que “os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como ‘em casa’. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino?” Sem a opção preferencial pelos pobres, “o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de se afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta [...]. A imensa maioria dos pobres e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua benção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, em uma solicitude religiosa privilegiada e prioritária.

A experiência de Deus é senti-lo em intimidade profunda, amorosa, através da fé em Jesus e colocá-lo em prática nas ações comunitárias em que estivermos inseridos. O diálogo e o encontro com Deus na oração nos impulsiona todos os dias a irmos em busca do irmão, do outro, em especial, em busca dos pobres. Pois Deus se manifesta na realidade humana, em sua





cultura, em sua história, sem excluir ninguém. Ele aglutina, sorri, se compadece, abraça e beija. A ação pastoral enquanto serviço emanado do amor é uma autêntica vivência de Deus. E para ser ainda mais autêntica ela deve estar voltada para os pobres do Reino e caminhar ao lado deles<sup>21</sup>:

A Igreja só pode ser Igreja de Deus, se não tiver como meta apenas a própria subsistência e influência como organização e instituição. Ela só pode ser Igreja de Deus (segundo uma formulação de Dietrich Bonhoeffer), se for Igreja para os outros. Ela deve comprometer-se com o agir libertador histórico de Deus. Formulando-se no sentido do Concílio Vaticano II, isso significa: a Igreja é sinal e instrumento para a união de Deus com os seres humanos e dos seres humanos entre si. A Igreja está a serviço do objetivo de Deus com a humanidade na história.

## 4. A PERSPECTIVA A PARTIR DA LITERATURA

É uma perspectiva nova, pois, a teologia é uma ciência e a literatura é uma arte!

Teologia, do grego *teologia*: ciência dos deuses. É o estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade, de seus atributos e relações com o mundo e com os seres humanos e com a verdade religiosa. É o estudo racional dos textos sagrados, dos dogmas e das tradições do cristianismo. É a linguagem posterior à revelação e à fé.

Literatura é a arte verbal. Se expressa por meio da palavra em contraste com os sinais visuais da pintura, da escultura, da música.

Manzatto<sup>22</sup> argumenta:

Entre as artes, a humanidade reserva um lugar especial e de destaque para a literatura. Ela fala à imaginação humana mais que a seus sentidos, e por isso atrai de um modo diferente daquele das outras artes; na literatura se veem realidades, se ouvem sons, se sentem cheiros, gostos, toques, tudo ao mesmo tempo e por obra da imaginação do leitor que reelabora, em sua mente, a obra artística [...]. A bem da verdade, a recente aproximação entre teologia e literatura é fruto, no mais das vezes, de trabalhos e esforços de teólogos e teólogas, e isso não por ausência de interesse por parte dos literatos, mas porque estes não se sentiam distantes das questões teológicas ou religiosas, uma vez que tais assuntos têm relação com a compreensão



humana de si, da vida e do mundo, e esse é o ambiente próprio do trabalho literário. O diálogo entre teologia e literatura interessa a ambos, teólogos e literatos.

O objetivo é o de criar pontes e observar o encontro de águas que não se misturam, mas que irão desembocar no mesmo mar: o ser humano; com carinho, os pobres.

Vivemos uma era secularizada com real distanciamento do sagrado de um lado, por outro uma exagerada procura de *religare*, com frequência sem identificação alguma com instituições a partir de um individualismo e relativismo cada dia maiores. A partir da perspectiva da literatura caminhos diferentes se encontram e se complementam, nos dando a certeza de que grandes santos não foram teólogos e mesmo assim teologaram; e que grandes escritores foram e são exímios evangelizadores sem tomar qualquer defesa desta ou daquela fé. O importante é o respeito, o diálogo e o encontro que ambos caminhos traçaram para falar do Deus dos pobres.

Manzatto<sup>23</sup> na obra que inaugura no Brasil o debate entre teologia e literatura nos diz:

A literatura é uma arte. Como todas as artes, ela é um meio de expressão que visa a uma comunicação. É claro que a arte é muito mais que um simples meio de comunicação, mas ela também comunica. Assim sendo, ela exige um emissor (autor), um receptor (leitor), um código (escrita), uma mensagem e um meio de comunicação (obra, que é ao mesmo tempo meio e mensagem) [...]. Por isso a literatura é simbólica. Faz alusão ao real, mas ela não fala do real, ao menos não em um senso primeiro e evidente: ela faz apelo à significação. Ela alude à realidade, evoca a realidade, representa o real e, assim, interpreta, compreende e conhece a vida, o homem, o mundo [...]. Ela faz apelo à hermenêutica, à interpretação; o artista mostra, por sua obra simbólica, uma certa compreensão ou interpretação da vida, do homem, do mundo.

A literatura tem muito a contribuir para o pensamento teológico, sem prévia instrumentalização, mas acompanhando como a poesia pode influenciar este pensamento, não somente contemplando Deus e seu mistério. Não é novidade nenhuma para a literatura pensar a teologia, pois muito da experiência do sagrado vivida pelos pobres do Israel bíblico e que se tornou nossa herança com Jesus de Nazaré, se transmitiu por via literária, em seus textos fundadores, em seus mitos fundantes de cultura. Para a teologia o processo não é tão simples,



por ser uma ciência, entende-se como portadora de um conhecimento absoluto e que utiliza de outras formas e maneiras de expressão.

Barcellos<sup>24</sup> confirma:

Nos últimos anos, registra-se um crescente interesse pela aproximação entre literatura e teologia, tanto no âmbito dos estudos literários, quanto nos dos estudos teológicos. Para os estudos literários, a abertura à teologia constitui um passo importante no processo de superação de uma pesada herança que vem do positivismo e passa, entre outros momentos, pelo estruturalismo e pelo marxismo, tendo como denominador comum uma visão bastante reducionista do ser humano, ao qual se amputa de modo arbitrário qualquer dimensão de abertura ao mistério e à transcendência. Para os estudos teológicos, por sua vez, o apelo à literatura pode ser um precioso instrumento de contato com a experiência humana e cristã, para além dos aportes – e dos eventuais limites – da filosofia e das ciências humanas.

Bingemer<sup>25</sup> diz que há uma afinidade constitutiva e uma irmandade ancestral entre teologia e literatura. Graças à espiritualidade, ambas decorrem da inspiração. Atraindo-se como dois polos relacionais, ambas as disciplinas fazem o ser humano mais humano e a vida mais bela e digna de ser vivida.

Foi assim que Patativa do Assaré<sup>26</sup> fez esta ponte entre literatura e teologia:

Eu sei por experiência,  
pois desde a minha inocência,  
nesta estrada, a Providência  
dirigiu os passos meus.  
A vida vivo gozando,  
Sempre amando e admirando  
As maravilhas de Deus.  
[...] Nasci dentro da pobreza  
e sinto prazer com isto,  
por ver que fui com certeza  
colega de Jesus Cristo.  
Perdi meu olho direito  
ficando mesmo imperfeito



sem ver os belos clarões.

Mas logo me conformei  
por saber que assim fiquei  
parecido com Camões<sup>27</sup>.

A poesia de Patativa do Assaré por muito tempo até o lançamento de seu primeiro livro em 1956, *Inspiração Nordestina*, foi apenas voz acompanhada ao som de uma viola, feita canção, mas sempre sobressaiu a poesia como expressão de uma tradição oral muito forte no povo nordestino.

O Brasil, a América Latina e Caribe produziram grandes teólogos, perseguidos ou não por causa da evangélica opção preferencial pelos pobres e da Teologia da Libertação; sem dúvida produziram grandes autores de literatura, que militando ou não em um partido político, não deixaram de lado suas atividades e preocupações políticas, principalmente aquelas referentes à vida dos pobres e de todos os discriminados que se encontram todos os dias pelas ruas de nossas capitais. Por causa da literatura que esses autores fizeram é que se encontrou o lugar legítimo de uma expressão fiel do pensamento latino-americano, caribenho e brasileiro, globalizado e da vida. É nesse ponto da transparência da realidade hodierna que se encontram a teologia e a literatura.

Villas Boas<sup>28</sup> neste sentido diz que:

Ao se falar de Teologia e Literatura já se supõe um longo caminhar, que se pode dizer muito mais pavimentado pela pesquisa acadêmica – seja por parte da teologia, seja por parte da Literatura – do que um caminho pioneiro de desbravamento incerto. No entanto, no presente encontro, mesmo consciente das conquistas já realizadas e das sendas abertas pelos viajantes pioneiros deste percurso, acredita-se que não há um caminho pronto, tampouco um rumo certo e que assim acreditar pode mais indicar que se está perdido, prestes a perceber que aquilo que se tomou como pré-concebido é tão somente um mapa, e como tal não conduz senão aonde já chegaram, sem avançar, por medo de errar, de ser errante. O caminho de cada um não é senão a soma de erros e acertos, de tentativas que nem sempre se medem pelo balanço positivo dos acertos sobre os erros, mas alcança êxito ao tirar dos erros cometidos lições para corrigir a rota, onde o acerto encontrado pode compensar todo erro da procura [...]. Entretanto, ainda que o olhar de aproximação dos *sujeitos* sejam diferenciados, comungam de um mesmo *objeto* de análise, a saber, o antropológico. É de um sentimento de responsabilidade com o ser humano que nasce essa relação



*transobjetiva* entre Teologia e Literatura de procurar melhor entendê-lo. Assim, mesmo que cada área continue a mesma, também é verdade que não permanecem do mesmo modo, sem que para isso seja necessário que a Teologia *batize* a literatura, ou esta desabone os pressupostos da Teologia, para que seja autêntica literatura. O propósito de ambas é um só: a vida com toda a sua complexidade.

O Deus dos pobres a partir de uma perspectiva de interpretação literária ainda não foi suficientemente debatido, mas nem por isso, deixa de ser uma perspectiva importante. Com as demais perspectivas ela só tem a somar, pois sem a sensibilidade que nasce da arte que é a literatura, não há como sentir o Deus dos pobres.

Depois da publicação da obra de Antonio Manzatto, *Teologia e Literatura*, o respeito, o diálogo e o encontro desses dois campos de atividade começam a crescer e a tomar corpo nos meios acadêmicos de todo o país, gerando muitas publicações e grupos de estudo e pesquisa, que trabalham as relações entre elas, mostrando o quanto é fecundo este chão onde foram semeadas, adubadas, dão/deram frutos e que são colhidos também além das fronteiras do Brasil.

O desafio constante é o de não cessar o diálogo entre teologia e literatura, através de aprofundamentos em ambos os campos, criando assim, grupos interdisciplinares que possam pensar juntos o melhor caminho a ser percorrido.

## CONCLUSÃO

O Deus dos Pobres é o Deus dos profetas do Primeiro Testamento como também é o Deus de Jesus de Nazaré no Segundo Testamento, que vê e ouve os gritos e gemidos dos massacrados, dos escravizados, dos injustiçados, dos perseguidos, dos explorados, dos discriminados, que desce para libertar e quebrar todas as algemas que não deixam a vida seguir seu rumo, que envia seu Filho amado para proclamar um Reino baseado em bem-aventuranças.



Tudo começa em Deus, e esse oferece a graça salvadora a todos, sem distinção e chega à plenitude na pessoa de Jesus de Nazaré, o Filho morto e ressuscitado. Deus se revela por meio de atos e palavras, inculturando-se para transmitir de forma eficaz a sua mensagem de vida. E essa sem dúvida tem um público preferencial: os pobres.

A nova evangelização que surgiu na Conferência de Medellín, por vontade de Paulo VI, com a preocupação que a Igreja Católica na América Latina e Caribe assimilasse o Concílio Ecumênico Vaticano II. Tal proposta foi além do Vaticano II e das preocupações do papa; pois Medellín irá pensar a nova evangelização a partir dos pobres, na linha de sua libertação. No meio das culturas nativas e populares se espalhará esta nova evangelização da qual surgirão as comunidades eclesiais de base, a leitura popular da Bíblia, a Teologia da Libertação e os cursos de teologia para leigos, o processo libertador dos pobres com a ruptura do sistema dominante, uma vida religiosa abundante e inserida, uma educação libertadora a partir do método Paulo Freire, que iluminou a relação espontânea de dependência de pessoas do povo em face do opressor, que era considerado muitas vezes como benfeitor. Tal pedagogia favorece o clima de igualdade, fraternidade dentro e fora da Igreja. Fé e vida tornam-se o mote fundamental. Era a evangelização voltada para a ação: uma verdadeira irrupção de fé na Igreja do povo pobre. Aposta-se na renúncia ao poder e à pompa eclesiástica. Acredita-se nas pequenas comunidades eclesiais de base como lugar, fonte e força evangelizadora. Insiste-se em celebrações da Palavra e encontros de comunidade e se dialoga com os irmãos de outras Igrejas. Apesar de muitos se colocarem contrários a essa forma de evangelizar, ela prosseguiu até os dias atuais, marcando presença nas conferências seguintes, mas não mais com hegemonia. No Brasil, estava se passando de uma Igreja da cristandade para a Igreja dos pobres, significativa, não majoritária, porém nos últimos anos aconteceram retrocessos e há um desejo enorme de se voltar para a Igreja da cristandade.

Para legitimar a esperança de que Deus caminha no meio dos pobres, nasceu das CEBs a expressão “Igreja popular”, que causou enorme polêmica e reações variadas de setores conservadores. Depois usou-se a expressão “a Igreja que nasce do povo”. Finalmente, para evitar mal-entendido e confusões, acrescentou-se “pelo Espírito de Deus”. Com a chegada do



papa Francisco, vindo do fim do mundo, voltou-se a usar a expressão, ainda que timidamente: “Igreja pobre, popular”!

Estamos apenas no início do pontificado de Francisco, porém, de forma simples, despojada, com enorme carisma ele se aproxima dessa vertente herdada de Medellín, e assim se interpreta o nome que escolheu: Francisco. Não é apenas um nome, mas um projeto de Igreja dos pobres, simples, evangélica, dialogal, que vai ao encontro, destituída de todo o poder.

Parafraçando Sua Santidade: “Ah! Como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres!”.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Edson Fernando de; LONGUINI, Luiz (orgs.). *Teologia para quê? – Temas teológicos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

ASSARÉ, Patativa do. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras, 2001.

*BÍBLIA* de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara. *Teologia e literatura (afinidades e segredos compartilhados)*. *Vida Pastoral*: maio-junho. São Paulo: Paulus, 2014.

BOAS, Alex Villas. *Teologia e Poesia – a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico*. Sorocaba: Create Editora, 2011.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMACHO, Ildelfonso; RINCÓN, Raimundo; HIGUERA, Gonzalo. *Práxis Cristã – III. Opção pela justiça e pela liberdade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

CARVALHO, Gilmar de. *Patativa Poeta Pássaro de Assaré*. 2ª Ed. Fortaleza: Omni, 2002.



CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. *Conclusões da Conferência de Puebla – evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 15ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

FRANCISCO. *A Igreja da Misericórdia – minha visão para a Igreja*. São Paulo: Paralela, 2014.

\_\_\_\_\_. *Evangelli Gaudium – A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola, 2013.

FUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade Pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”?* São Paulo: Paulinas, 2008.

GESCHÉ, Adolphe. *Deus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

LIBANIO, João Batista. *O que é Pastoral?* 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MANZATTO, Antonio. Pequeno panorama de teologia e literatura. In: MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Angela. *Teologia e Arte – expressões de transcendência, caminhos de renovação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. *Teologia e Literatura – reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

MANZATTO, Antonio; PASSOS, J. Décio; MONNERAT, José Flávio. *A Força dos Pequenos – Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 2013.

MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MÜLLER, Gerhard Ludwig; GUTIÉRREZ, Gustavo. *Ao lado dos pobres – Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.

PADIN, Dom Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968 – Texto Oficial – trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1990.





PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. 7ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

PROGRAMA Sempre um Papo. Leonardo Boff. Belo Horizonte: 2009.

QUEIRUGA, Andres Torres. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. São Paulo: Paulus, 1993.

SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação – pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

TAVARES, Emerson Sbardelotti. *O Mistério e o Sopro: roteiros para acampamentos juvenis e reuniões de grupos de jovens*. Brasília: CPP, 2005.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso: para uma leitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

---

\* Mestrando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Bacharel em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória do Espírito Santo; Licenciado em História pelo Centro Universitário São Camilo, Vitória-ES; Bacharel em Turismo pela Faculdade de Turismo de Guarapari-ES; Correio eletrônico: est\_capixaba@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. 7ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

<sup>2</sup> MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>3</sup> PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

<sup>4</sup> CAMACHO, Ildelfonso; RINCÓN, Raimundo; HIGUERA, Gonzalo. *Práxis Cristã – III. Opção pela justiça e pela liberdade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

<sup>5</sup> CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. *Conclusões da Conferência de Puebla – evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 15ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

<sup>6</sup> PADIN, Dom Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968 – Texto Oficial – trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

<sup>7</sup> FRANCISCO. *A Igreja da Misericórdia – minha visão para a Igreja*. São Paulo: Paralela, 2014.

<sup>8</sup> BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>9</sup> GESCHÉ, Adolphe. *Deus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

<sup>10</sup> QUEIRUGA, Andres Torres. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. São Paulo: Paulus, 1993.

<sup>11</sup> MANZATTO, Antonio; PASSOS, J. Décio; MONNERAT, José Flávio. *A Força dos Pequenos – Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 2013.

<sup>12</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação – pequenos ensaios utópico-proféticos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

<sup>13</sup> LIBANIO, João Batista. *O que é Pastoral?* 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>14</sup> *BÍBLIA* de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>15</sup> PROGRAMA Sempre um Papo. Leonardo Boff. Belo Horizonte: 2009.



- 
- <sup>16</sup> CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. *Conclusões da Conferência de Puebla – evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 14ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- <sup>17</sup> VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso: para uma leitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.
- <sup>18</sup> TAVARES, Emerson Sbardelotti. *O Mistério e o Sopro: roteiros para acampamentos juvenis e reuniões de grupos de jovens*. Brasília: CPP, 2005.
- <sup>19</sup> FUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade Pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”?* São Paulo: Paulinas, 2008.
- <sup>20</sup> FRANCISCO. *Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola, 2013.
- <sup>21</sup> MÜLLER, Gerhard Ludwig; GUTIÉRREZ, Gustavo. *Ao lado dos pobres – Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- <sup>22</sup> MANZATTO, Antonio. Pequeno panorama de teologia e literatura. In: MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Angela. *Teologia e Arte – expressões de transcendência, caminhos de renovação*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- <sup>23</sup> MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura – reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- <sup>24</sup> ALMEIDA, Edson Fernando de; LONGUINI, Luiz (Orgs.). *Teologia para quê? – Temas teológicos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- <sup>25</sup> BINGEMER, Maria Clara. Teologia e literatura (afinidades e segredos compartilhados). *Vida Pastoral: maio-junho*. São Paulo: Paulus, 2014.
- <sup>26</sup> ASSARÉ, Patativa do. *Digo e não peço segredo*. São Paulo: Escrituras, 2001.
- <sup>27</sup> CARVALHO, Gilmar de. *Patativa Poeta Pássaro de Assaré*. 2ª Ed. Fortaleza: Omni, 2002.
- <sup>28</sup> BOAS, Alex Villas. *Teologia e Poesia – a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico*. Sorocaba: Create Editora, 2011.